

UMA DERROTA DE OBAMA?

por Mário Soares

Não foi o que a Extrema-Direita (Tea Party) e a Direita conservadora americana – e mundial – previam e anunciaram, por todos os meios. Obama é odiado pela maioria dos americanos da grande finança e por meios importantes da comunicação social (Murdoch, por exemplo) que chegaram ao extremo de o denunciar como não americano, afro-muçulmano, comunista, etc.. Mas essa campanha extrema não foi suficiente para dar a vitória aos republicanos, embora tenham conseguido a maioria, na Câmara dos Representantes, mas não no Senado, onde os democratas mantiveram a maioria, embora com menos senadores. Foi, digamos, uma semi-vitória amarga para os republicanos radicais que não correspondeu ao imenso dinheiro, gasto pelos grandes interesses, para financiar a insólita campanha de insultos e infâmias contra Barack Obama, promovida pelo Tea Party e por uma parte dos potentados de Wall Street.

Claro que para Obama foi também uma advertência séria, que importa ter em conta nos próximos dois anos. Note-se, contudo, que não se trata de um facto inédito. Muitos antigos Presidentes – como Reagan e Clinton, de partidos diferentes – tiveram o mesmo fracasso nas eleições de meados dos seus mandatos e não deixaram de ganhar, dois anos depois, as suas próprias eleições para um segundo mandato.

Mesmo se Barack Obama viesse a perder, daqui a dois anos, as eleições para um segundo mandato - o que penso e desejo que não aconteça - não era possível apagar o potencial de esperança e de confiança num futuro de paz, que estes dois anos despertaram em biliões de pessoas, tanto no seu País como no resto do Mundo. Foi um fenómeno extraordinário, o caso Obama, sobretudo entre os intelectuais, a juventude e as minorias étnicas.

É certo que não lhe foi possível cumprir algumas promessas e decepcionou muitos dos seus compatriotas, que esperavam que tudo pudesse mudar de um dia para o outro, como por mágica. Não foi possível. As resistências da Direita foram muitas – e ferozes – e caiu-lhe, de repente o peso do Mundo em cima. Guantanamo, as guerras do Iraque e do Afeganistão, o conflito Israelo-Palestiniano, o terrorismo islâmico da Al Qaeda e dos Talibãs, a tão precária situação do Paquistão, o Irão, as exigências dos países emergentes, a crise financeira global, a paralisação da União Europeia, dominada pelo conservadorismo, as restrições da China, relativamente às reformas ambientais, como se viu em Copenhaga, enfim, tudo, para não falar, no plano interno, do déficit e do endividamento americano, do desemprego, provocado pela crise, que não diminuiu suficientemente e das duas grandes reformas, da saúde e de Wall Street, que ainda não estão a trazer aos cidadãos americanos os benefícios esperados. Mas Roma e Pavia, como dizem os latinos, não se fizeram num dia.

Bastariam as posições tomadas e os discursos feitos por esse grande intelectual humanista, émulo de Gandhi, Martin Luther King e Nelson Mandela, que é Barack Obama, para tornar indelével a sua passagem pela Casa Branca e lhe garantir, com forte probabilidade, obter um segundo mandato. Metam a mão nas suas consciências os seus impacientes ex-apoiantes, que agora lhe retiraram o voto. Pensem na tragédia que seria, para a América e para o Mundo, se a Senhora Sarah Palin viesse, dentro de dois anos, a ganhar as eleições presidenciais, como deseja? Que frustração e que recuo político, social, cultural e mesmo civilizacional, seria para a América e para o Mundo...

Obama proferiu um mea culpa, a meu ver exagerada, mas de uma qualidade humana extrema. Responsabilizou-se por todas as culpas, quando a maior parte delas resultaram da herança pesadíssima que lhe deixou, os inesquecíveis dois infelizes mandatos de George W. Bush, que acaba de publicar as suas memórias. Terá muito que se justificar...

Quando os nórdicos atribuíram a Barack Obama o Nobel da Paz, não se enganaram na marca profunda que os primeiros meses de Obama deixaram na América e neste nosso Mundo tão inseguro, incerto e agressivo.

A VISITA DE HU JINTAO

Está em Portugal, desde o passado sábado, Hu Jintao, o Presidente da República Popular da China, chamado por alguma imprensa "o mais poderoso homem do Mundo". Vem de França, onde efectuou uma visita discreta e bem sucedida, tendo estado em Paris e em Nice. Não quis conferências

de imprensa. Silêncio sobre a questão dos Direitos Humanos e do prémio Nobel da Paz que foi concedido ao dissidente Liu Xiaobo. O caso Pasternak veio-nos à memória...

Em compensação houve, muitos contratos assinados, ao que nos dizem, no valor total anunciado pelo "Figaro" de 16 biliões de euros, em matérias como aeronáutica, energia, e no domínio nuclear, entre outras. Para além disso houve a política e uma longa conversa sobre a próxima reunião do G20 que terá lugar em Seoul, organização que irá ter, como presidente, Nicolas Sarkozy... Em grande baixa de popularidade, Sarkozy vê na reunião do G20 uma excelente oportunidade para se dar alguma visibilidade, uma vez que pensa criar uma espécie de governação financeira e económica mundial e até talvez – imagine-se! – política. Será que conseguirá?

Hu Jintao, veio de Nice directamente para Lisboa, acompanhado da Esposa e de uma extensa comitiva. Só empresários foram 50. Veio, também a Portugal, fazer negócios e pensa-se que comprará, como sucedeu com outros países europeus, a começar pela Grécia, títulos da nossa dívida pública. É importante que o faça porque, como dizem os economicistas, "tranquiliza os mercados". Está também muito interessado no porto de águas profundas de Sines, numa situação estratégica excepcional e em dois produtos portugueses, para a China exóticos, como a cortiça e o azeite, para além dos mármore e de outros minerais. Mas não foi só isso. Assinaram-se também protocolos, referentes à Cultura, à Ciência e à Tecnologia e houve também acordos com o BCP (Millennium), a EDP e a PT. Veremos mais tarde, em concreto, o que tudo irá representar.

Não esqueçamos que em Portugal há muitos chineses imigrantes, que são extremamente discretos, mas que têm vindo a ganhar posições importantes no nosso pequeno comércio. Estão por todo o lado, Regiões Autónomas incluídas...

O Domingo começou bem, por uma visita aos Jerónimos – e uma homenagem, mais do que merecida, ao nosso herói nacional, Luís de Camões. Realmente, poucos países europeus têm laços tão antigos e profundos como a China com Portugal, sem esquecer, obviamente, Macau. Esperemos que a visita continue como começou e os resultados sejam úteis – como parece – para ambas as partes, com relações especialíssimas, desde o 25 de Abril para cá. Quanto aos Direitos Humanos - em tempo de crise deu-se prioridade aos negócios. Nem uma palavra. Assim vai a Europa...

HÁ UMA ESTRATÉGIA, PARA VENCER A CRISE?

Em termos europeus, penso que não. Há uma preocupação dominante do Banco Central Europeu, presidido por Jean-Claude Trichet e inspirado pela Chanceler Merkel, de reduzir os déficits dos países membros e o endividamento externo dos respectivos Estados. Mas uma estratégia financeira e económica, a médio prazo, para vencer a crise, não. As medidas de equilíbrio orçamental, só por si, conduzem os diferentes Estados a uma recessão inevitável porque não há investimentos e, por conseguinte, o crescimento da economia entra em estagnação.

É a preocupação que, mais uma vez, o prémio Nobel, Paul Krugman, manifestou num artigo publicado no New York Times, intitulado "Os moralistas da dívida". Cito: "Se o Estado cortar os incentivos à economia, como querem os moralistas, vamos criar a própria ruína, com a estagnação a prolongar-se e o desemprego a aumentar".

Que fazer? A União Europeia, através do Banco Central Europeu – ao contrário do Banco Federal americano – e tendo por trás dele as pressões da Chanceler alemã, insiste numa política monetarista sem querer ver as suas consequências. Os Estados que gastam mais do que devem e são despesistas, são pecaminosos (daí o moralismo) e devem ser castigados. É o que nos está a acontecer, como à Irlanda, à Espanha, à Letónia e outros. Começa a haver muitos protestos e ressentimentos mais ou menos surdos, por enquanto, que seguramente vão alastrar. A Alemanha está a entrar por um mau caminho, porque parece ignorar a solidariedade – e a igualdade entre os Estados-membros – que são princípios constitutivos da União.

A França, com Sarkozy e os problemas que tem, parece não ser capaz de fazer frente à Alemanha. O tratado que assinou agora com o Reino Unido, de Cameron, em matéria de segurança e defesa, à margem da União Europeia, é tão complicado que parece ter pouco sentido. A não ser constituir um novo passo para a desintegração europeia como sempre quiseram os britânicos. O que seria uma enorme tragédia para a Europa e para o que até hoje tem representado no Mundo.

A Europa ultra-conservadora que temos hoje, com apenas 4 Estados-membros, dirigidos por socialistas, e 23 por conservadores, vão deixar-nos um triste legado. Com o perigo – repito – de uma enorme turbulência social e política que está a surgir. E talvez, se não houver sensatez, com

imprevisíveis consequências. Os burocratas de Bruxelas devem reagir porque, a continuar assim, podem ser as primeiras vítimas. Chegará um momento em que se pensará que a Europa é muito cara...

A consolidação orçamental – disse-o sempre - é fundamental. Com a reserva de não poder ter como consequência destruir a frágil retoma económica que está à vista de todos. A Chanceler Merkel quer impor sanções, aos países que não cumprem as metas financeiras, com multas e mesmo perdas de fundos estruturais. Pensará que a Alemanha, por ser rica e ter tido êxito na sua política de exportações, é a dona e manda unilateralmente na União? Foi essa arrogância que nos levou a duas guerras mundiais, no século passado, com as desastrosas consequências que tiveram para a Alemanha, em primeiríssimo lugar...

Que propõe Krugman, para voltarmos a ele? Tão simples como isto: “promover o auxílio aos endividados (públicos e privados) e reduzir as obrigações para níveis que os devedores possam suportar. É a maneira mais rápida de eliminar a ameaça que representa o endividamento”. Não sou economista nem, muito menos, um especialista em questões financeiras. Sou um político, que não tem vergonha de se assumir como tal, bem pelo contrário, e que tem alguma experiência de crises e até contactos directos com o FMI. Ora o FMI, hoje, sob a direcção de Dominique Strauss-Kahn, tem uma visão menos rígida e monetarista e mais política, social e ambiental do que tinha então. Tudo mudou, até, por estranho que pareça, o FMI. Assim, atrás de tempo, tempo vem. Não nos deixemos convencer pelos números, pelas estatísticas e pelas avaliações das empresas de rating, com que todos os dias nos bombardeiam. O que conta são as pessoas e as ideias inovadoras que vão tendo. Desde que tenham bom senso e sejam exequíveis

Mário Soares

Lisboa, 9 de Novembro de 2010